

Aquilino, mestre das letras e da cidadania

27-Set-2007

Os beirões, os tenazes e insubmissos beirões, foram pintados por Aquilino Ribeiro com expressionistas pinceladas em "O Homem que Matou o Diabo", "O Malhadinhas", "Terras do Demo", "Jardim das Tormentas" e "Andam Faunos pelos Bosques", e com vigorosos traços neo-realistas em "Quando os Lobos Uivam", que foi proibido e valeu um processo ao seu autor por pãr em causa a política salazarista de florestaãção forçada dos baldios ("A serra ã dos serranos desde que o mundo ã mundo, herdada de pais para filhos. Quem vier para no-la tirar, connosco se hã-de haver!").

No prefácio a "Terras do Demo" Aquilino, rechaçando crônicas "literatura regionalista" assume-se modestamente "mais cronista do que carpinteiro de romance". "(...) o meu lexicon ã o deles; as minhas vozes ouvi-lhas". "A aldeia serrana, como aquela em que fui nado e baptizado e me criei sã e escorreito, ã assim mesmo: barulhenta, valerosa, suja, sensual, avara, honrada, com todos os sentimentos e instintos que constituem o empedrado da comuna antiga. Ainda ali hã Abraão e os santos vã m ã fala com os zagais nos silenciosos montes; ali roda o velho carro visigótico nos caminhos romanos, mais velhos do que eles. ã% pagã, e crã em sua religiosidade toda exterior adorar o Deus de S. Tomãs. Conta pelo calendãrio gregoriano estes terrã-veis dias de peste, fome e guerra, e estã imersa nos nebulosos tempos do rei Vamba".

Para se compreender verdadeiramente a obra de Aquilino necessãrio se torna embrenharmo-nos no cenãrio natural e antropológico que o inspirou. Sentir o cheiro da caruma, a sombra dos castanheiros e o grasnar da gralha para viver plenamente as páginas carregadas de lãcido bucolismo. Respirar a liberdade bravia dos seus modelos serranos para perceber o telurismo e a rebeldia do Mestre. Nã sã a rebeldia do jovem revolucionãrio que combateu a monarquia de pistola na mã, e a coragem do conspirador contra a ditadura salazarista (tendo pago a sua insubmissã com a prisã, o exãlio e a censura), como a do intelectual refractãrio a escolas e correntes literãrias, apesar de estribado numa sãlida erudiã e cultura clãssica que lhe permitiu absorver influãncias vãrias (desde logo a influãncia da vivacidade lexical do povo, estigmatizada de curiosidade "regionalista") e recriar (ou libertar!) a lãngua portuguesa com a rara originalidade dos gãnios.

Aquilino Ribeiro soube ser culto para ser livre. Dividiu a sua vida entre a leitura apaixonada dos clãssicos e a luta pela liberdade e a igualdade. Uma vida acossada: trãs vezes foi preso por motivos polãticos e outras tantas se evadiu da cadeia e por duas vezes fugiu para o exãlio em França, na Alemanha e na Galiza. Pelo meio viveu. E amou a vida. Amou as ãrvores, os bichos e as gentes que conheceu e que o moldaram como ser humano e como artista. Aquilino dizia que "o beirão converte a pedra em terra" - ele converteu a rudeza da linguagem e das personagens do povo no hãmus da mais telãrica prosa portuguesa, ombreando com Torga. E, tal como o autor de "Novos Contos da Montanha", ao se debruçar sobre a riqueza da nossa terra e das nossas gentes, conseguiu universalizar a literatura portuguesa.

Aquilino Ribeiro podia e merecia ter recebido o prãmio Nobel da Literatura, cuja candidatura muitos intelectuais em Portugal e no estrangeiro se esforçaram por promover, trãs anos antes da sua morte. Logo que esta foi noticiada, em 27 de Maio de 1963, a Censura proibiu os jornais de fazerem qualquer referãncia ã s homenagens que por todo o paãs lhe foram prestadas. Lamentavelmente, parece que o anãtema salazarista ainda nã foi revogado, mais de trinta anos passados sobre o 25 de Abril. Aquilino continua um escritor maldito, desconhecido da maioria dos portugueses.

A trasladaã dos restos mortais do mestre para o Panteão Nacional, resoluã da Assembleia da Repãblica, aprovada, por unanimidade, em 20 de Março de 2007, ã um significativo sinal de serãdio reconhecimento. Aquilino ficarã bem acompanhado ao lado de João de Deus, de Almeida Garrett e de Guerra Junqueiro. Jã quanto ã companhia de ãscar Carmona, talvez que nem a de Humberto Delgado (de quem foi apoiante activo durante a campanha presidencial do "General Sem Medo") impeãsa o mestre de se revirar no tãmulo.

Mais importante, contudo, para honrar a memãria de Aquilino Ribeiro seria a sua trasladaã para os currãculos escolares. Como ã possãvel que um dos mais criativos e originais escritores de toda a histãria da literatura portuguesa, e um dos mais importantes do sãculo XX, se não mesmo o maior, não seja estudado nas nossas escolas?

Quanto ã petiã que meia dãzia de monãrquicos em vias de extinã pãs a correr contra as honras de panteão nacional a um "terrorista", preso por ajudar os "bombistas regicidas", são tiros de pãlvora seca que sã poderã fazer cãcegas ã alma granãtica de um vulto com a envergadura moral do universal Aquilino.

Â

Â

Â

Â

Â

Â

Â

Carlos Vieira